



Propostas e caminhos que vão além do modelo de objetividade jornalística ¹

Camila Mozzini²

Ana Taís Martins Portanova Barros³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Partindo da necessidade de um processo de não-hierarquização na relação entre sujeito e objeto, tanto na construção do conhecimento científico quanto nas práticas jornalísticas, este artigo busca realizar uma conexão entre comunicação – entendida não enquanto passagem de dados e informação, mas sim enquanto troca relacional – e comunhão a fim de propor outras possibilidades ao fazer jornalístico. Para tal, autores como Malena Contrera, Cremilda Medina, Ana Taís Martins Portanova Barros e Edgar Morin são articulados a fim de elaborar um panorama de caminhos que vão além do modelo da objetividade, percorrendo, assim, propostas de entrevista jornalística enquanto diálogo não-autoritário, como exemplificado nas reportagens de João do Rio e Euclides da Cunha e nos ideários e métodos do Novo Jornalismo, do Jornalismo em Quadrinhos e do Jornalismo Gonzo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; objetividade; subjetividade; sensibilidade; comunicação.

INTRODUÇÃO

Em meio às mudanças que se cristalizam ao longo do século XVII, a ciência foi protagonista de diversas transformações, principalmente com o pensamento de filósofos como René Descartes. Este acreditava ter a missão de unificar todos os conhecimentos humanos a partir de bases seguras que conformariam uma ‘ciência admirável’, iluminada pela verdade e pelas certezas racionais. Insatisfeito com a falta de

¹ Trabalho apresentado na DT 01 - Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, UCS - Caxias do Sul/RS - 2 a 6 de setembro de 2010.

² Graduada no curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integrante do grupo de pesquisa Imaginalis, coordenado pela prof. Dr. Ana Taís Martins Portanova Barros, o qual atualmente estuda o estado da arte da pesquisa em fotografia e a relação entre imaginário, ciência, senso comum. E-mail: camila.mozzini@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho e professora do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) E-mail: ana.tais@ufrgs.br.



fundamentação racional da área das humanidades e com a não aplicação do conhecimento matemático a problemas da vida, Descartes buscava a verdade dos conceitos por meio de demonstrações físicas e matemáticas – consideradas por ele como as únicas indubitáveis –, atualizando o ideal Pitagórico de submeter o universo aos números (GRANGER, 1979).

Já no século XIX, período de transição do jornalismo artesanal ao empresarial, desponta o Positivismo de Auguste Comte, o qual expressa um tom geral de confiança nos benefícios da industrialização e de otimismo em relação ao progresso capitalista, cultuando a ciência e o método científico como diretrizes filosóficas. As características fundamentais do Positivismo são a ênfase na pesquisa de fatos concretos e reais; a investigação de assuntos úteis e destinados ao aperfeiçoamento individual e coletivo; a valorização da certeza e o abandono das dúvidas e da discussão metafísica; a busca pela precisão no conhecimento a fim de que este não contenha ambiguidades; a organização como forma de sistematizar a produção científica; e a relatividade para que a ciência se aperfeiçoe e evolua ao longo do tempo. O projeto de reforma social positivista – o amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim – tinha por meta restabelecer, de forma conservadora, a ordem na sociedade capitalista industrial partindo da reorganização intelectual, moral e, por fim, política.

Assim, não é à toa que o jornalismo assume a roupagem da objetividade e qualifica, segundo Medina (1988), a notícia a partir de princípios como factualidade, atualidade, veracidade, interesse por parte do público e clareza. Buscando atingir a ‘verdade’ a partir da credibilidade do método científico, a imparcialidade é assumida como fundamental à prática do bom jornalismo, que não mais se balizaria em opiniões e sensações que conduzem ao erro e que são contaminadas por crenças e ideias acumuladas ao longo do tempo. Desse modo, são importadas do modelo estadunidense fórmulas como o *lead* – o quê?, onde?, como?, quem?, quando? – e o modelo da pirâmide invertida, que prevê a redação do texto jornalístico partindo do considerado mais importante ao menos significativo, ao contrário do modelo anterior do nariz de cera. É importada também a ideia do *copy-desk*, espécie de redator responsável por reescrever as matérias a fim de limpar os textos e dar um ‘ar jornalístico’ aos *press releases* recebidos pela redação.

Entretanto, o modelo informativo, que propõe mais uma passagem de dados que uma comunicação enquanto troca dialógica, nem sempre foi o padrão a seguido. Autores como Cremilda Medina, Edgar Morin e Ana Taís Martins Portanova Barros



traçam possibilidades para que a separação entre sujeito e objeto proposta pelo jornalismo do tipo “neutro” e “verdade” não seja sacralizada enquanto método nas práticas jornalísticas. Por esta razão, a relação entre comunicação e comunhão é o próximo assunto a ser trabalhado.

A RELAÇÃO ENTRE COMUNICAÇÃO E COMUNHÃO

Comunicação. Comunhão. Nem sempre estas palavras tiveram significados dissociados e separados por um ponto final. Até meados do século XVI, Contrera (2009) assinala que estes dois termos tinham sentidos muitos similares, tendo em vista que a cosmovisão da época não apartava de forma tão radical o homem do ambiente ao seu redor. Diferentemente da visão cartesiana/newtoniana que estava por se consolidar, nesse contexto ainda medieval, o cenário científico europeu se baseava em uma sabedoria hermética, que propunha o conhecimento verdadeiro como resultado da união do sujeito ao objeto, em uma identificação psíquico-emocional a partir de imagens, e não somente com o exame intelectual de conceitos (BERMAN apud CONTRERA, 2009).

Desse modo, comunhão, ao longo do tempo, passou a integrar o discurso religioso, restringindo-se ao ato cristão de comungar em Cristo ou a uma espécie de consenso apaziguador, cujos sentidos não recuperam o significado pagão do termo, encontrado nas raízes das sociedades primevas. Já o termo comunicação foi desvirtuado no momento em que passou a ser visto como um instrumento funcional na produção de trocas de informação, distanciando-se da busca por suas raízes a partir da ênfase em aspectos como a rentabilidade no processo ‘comunicativo’ (CONTRERA, 2009).

Desta forma, a autora assinala que a comunhão não pressupõe um entendimento ou concordância – como equivocadamente se pensa – mas sim diz respeito a um estado de pertinência à espécie humana, a um ‘destino planetário’, que necessariamente abriga divergências e confrontos que se engendram dentro de um sentimento de que “aquilo me diz respeito de alguma maneira” (CONTRERA, 2009, p. 4). Desse modo, a proximidade entre comunhão e comunicação vai além de uma mera sociabilidade que permite o estabelecimento de acordos sociais simples na medida em que ambas buscam:

[...] um sentimento de destino humano comum, que por vezes transcende as circunstâncias pragmáticas [...]. Essa comunhão só é possível por meio da experiência comum não-ordinária (e com um grande movimento de padrões inconscientes), por meio da criação de



uma base comum que consideramos chamar de vínculo (CONTRERA, 2009, p. 4).

Assim, a autora assinala que existe um anseio a uma certa fusão psíquica por trás das experiências comunicativa e religiosa, pois seus partícipes se modificam ao longo desse processo, criando não apenas um intercâmbio de informações, mas também uma alquimia⁴, uma *participação mística* que, conforme proposto por Lévy-Bruhl e retomado por Jung, faz parte da natureza humana na medida em que, no inconsciente, não há diferenciação entre indivíduos nem entidades, formando um algo coletivo. Ampliando esse fenômeno ao âmbito dos processos de consciência humana, Contrera (2009) designa-o como *consciência participativa*, a qual leva o homem a:

[...] buscar uma forma profunda de interação afetiva e psíquica com o mundo com o qual interage, estabelecendo uma forma de comunhão com o que James Hillman designa, seguindo uma longa tradição de pensamento, de alma do mundo, manifesta nos objetos almadados de um mundo vivo (CONTRERA, 2009, p. 5).

Segundo Morin (2001), as consciências éticas e políticas necessitam de um sentido de comunhão, de pertencimento à mesma diversidade, tendo em vista que formamos uma unidade humana e uma comunidade de destino. Por isso, é tão importante que, no jornalismo, se busque uma não separação tão abrupta entre sujeito e objeto a fim de que seja produzido um conhecimento mais compreensivo acerca do mundo e do outro. Nesse sentido, as ideias de Carl Rogers, psicoterapeuta que ganhou visibilidade a partir de trabalhos de teóricos da Comunicação que buscavam uma visão menos totalizante da natureza humana, são de grande contribuição para um reposicionamento acerca da hierarquia existente na relação entre entrevistador e entrevistado.

CARL ROGERS E A ENTREVISTA ENQUANTO DIÁLOGO NÃO AUTORITÁRIO

⁴ Contrera aponta que o termo alquimia talvez represente melhor ‘esse desejo primitivo que em nós permanece pela integridade psíquica que a irrupção da consciência destruiu e pela fusão cósmica advinda do estado pré-consciente (CONTRERA, 2009, p. 4).



Ao longo de sua trajetória, Rogers publicou, em 1951, *Terapia Centrada no Cliente*⁵, obra que continha sua primeira teoria formal sobre a terapia, sua teoria da personalidade e algumas pesquisas que reforçam suas conclusões. Influenciado pelos escritos de Martin Buber, Soren Kierkegaard e, no oriente, pelo Zen Budismo e Lao-Tsé, a ideia central do livro, contrariando os preceitos da Psicologia da época, sugere que a força orientadora da relação terapêutica deveria ser o cliente, e não o terapeuta (FADIGNAN & FRAGER, 1983).

Paralelo ao pleno desenvolvimento industrial da imprensa, Rogers (apud FADIGNAN & FRAGER, 1983) propõe que o cliente tem a chave de sua recuperação, mas o terapeuta deve ter determinadas qualidades pessoais que ajudam o cliente a aprender como usar tais chaves. Antes de o terapeuta ser qualquer coisa para o cliente, ele deve ser genuíno, e não estar desempenhando um papel. Isto significa que o profissional deve buscar perceber seus próprios sentimentos ao invés de apresentar uma fachada isenta, tendo em vista que ele serve como modelo de uma pessoa autêntica, oferecendo ao cliente um relacionamento através do qual este pode testar sua própria realidade. Assim, o critério final para um terapeuta ser considerado bom é sua habilidade para comunicar – e apenas não informar, passar dados – a compreensão que este tem do cliente, fazendo com que este saiba que o terapeuta é autêntico, preocupe-se, ouve e compreende o fato. A capacidade de estar verdadeiramente presente diante de um outro ser humano de forma empática a sua dor é uma exigência para o diálogo entre cliente e terapeuta.

Desta forma, subvertendo a lógica da produção jornalística, a *perspectiva centrada no cliente* aplicada ao jornalismo possibilita à prática da entrevista uma inversão de papéis tendo em vista que, na maior parte das circunstâncias, o jornalista imprime o ritmo de sua pauta e conduz o interlocutor a respostas pré-estabelecidas. Segundo Medina (2005), o que menos importa, em geral, é o modo de ser e o modo de dizer do entrevistado, pois o que realmente interessa é cumprir a pauta que a redação de determinado veículo incumbiu ao repórter. Contudo, o eixo principal, a partir da teoria

⁵ A palavra *cliente* ou *pessoa*, e não *paciente*, também tem sua razão de ser. Segundo Fadignan e Frager (1983), um paciente geralmente é alguém que está doente, precisa de ajuda e vai ser ajudado por profissionais habilitados. Já um cliente é alguém que deseja um serviço e que pensa não poder realizá-lo sozinho. Isto implica que, embora o cliente possa ter muitos problemas, é ainda visto como uma pessoa inteiramente capaz de entender sua própria situação. Na terapia centrada no cliente, a pessoa continua a dirigir e modificar as metas da terapia e iniciar as mudanças comportamentais que deseja que ocorram.



de Rogers relacionada ao jornalismo, não é o repórter produtor de verdades, mas sim a complexidade da fonte frente ao cotidiano.

Sob esta óptica, a entrevista não pode ser entendida apenas como uma técnica para obter respostas pré-pautadas por meio de um questionário pré-formulado, pois não é desta maneira que se coloca em prática o comunicar, compreendido enquanto inter-relação e diálogo. A entrevista, em suas diferentes aplicações, é vista como uma técnica de interação social e de interpretação informativa que transpõe isolamentos tanto individuais quanto sociais, podendo servir à pluralização de vozes e à distribuição da informação de forma democrática (MEDINA, 1995).

Abandonando qualquer pretensão de objetividade pura no fazer jornalístico e buscando superar as influências positivistas remanescentes, Medina apresenta aspectos em comum com Rogers. O primeiro deles diz respeito à postura do entrevistador: este tem uma personalidade e uma subjetividade que, ao invés de serem reprimidas a fim de cumprir certos protocolos, devem buscar uma relação autêntica e não objetiva com a fonte entrevistada.

Medina (2005) aponta que o público *sente* quando uma determinada entrevista passa emoção e autenticidade no discurso enunciado tanto pelo entrevistado quanto no encaminhamento das perguntas pelo entrevistador. Isto porque ocorre um fenômeno de identificação, interligando fonte, repórter e receptor em uma única *vivência*. Assim, persistir na competência do fazer sem levar em consideração o significado humano, não contribui para que um possível diálogo avance em uma sociedade onde a solidão e a grupalidade se expandem de forma epidêmica (MEDINA, 2005). Desse modo, a realidade da profissão de jornalista que trabalha em veículos de comunicação massiva engloba questões complexas que acabam virando parte de um círculo vicioso:

[...] as empresas da indústria cultural brasileira, feitas uma ou outra exceção, sempre investiram mais na modernização tecnológica do que no aperfeiçoamento e qualificação de seus quadros humanos de produção de informação; o profissional médio, sem estímulos na rotina desgastante da sobrevivência, não investe, por conta própria, no crescimento e amplitude de repertório; a universidade que, em tese, deveria oferecer novos quadros, novas energias, mal se viu com a própria crise de empobrecimento e quase destruição, situação típica das ditaduras. Não há sequer um veículo de crítica dos meios (*media criticism*). Os poucos cursos de extensão e aperfeiçoamento são frequentados, em geral, por uma clientela que não está à frente dos processos de decisão. Estes, os editores, chefes de reportagem, repórteres especiais, permanecem preocupados com o imediato desempenho, satisfazendo as exigências dos próprios empregos. Não



são sensíveis à discussão crítica sobre a própria profissão (MEDINA, 1995, p. 24).

Morin (1973), a partir da análise da produção jornalística, propõe uma classificação sintética da entrevista na comunicação coletiva a partir de sua finalidade, enumerando, assim, quatro possibilidades. A primeira trata-se da *entrevista-rito*, que busca obter uma palavra, que de resto não tem outra importância senão a de ser pronunciada aqui e agora. Exemplos desta categoria são as típicas entrevistas com campeões após um jogo e um ator após o Oscar. A *entrevista anedótica* se situa no nível do mexerico, ou seja, traz conversações frívolas e complacentes a vedetes. A terceira classificação diz respeito à *entrevista-diálogo*, na qual o diálogo é mais que uma conversação mundana, mas sim uma busca em comum vivenciada por entrevistador e entrevistado. Já as *neoconfissões* seriam o que o autor descreve como o apagamento do entrevistador frente ao entrevistado, alcançando o nível da entrevista em profundidade da psicologia social. Tal entrevista traz em si a ambivalência de, ao mesmo tempo, toda a confissão ser considerada como um *striptease* da alma feita para atrair a atenção do público.

Desta forma, as duas primeiras classificações estão voltadas para um sentido de espetacularização, e podem ser divididas em subgêneros como a) o *perfil pitoresco*, que caricaturiza o perfil humano através de retratos; b) o *perfil inusitado*, que busca extrair, mesmo que à força, o que caracterizaria a pessoa entrevistada como excêntrica e exótica; c) o *perfil de condenação*, muito presente no jornalismo policial, trata o ser humano dentro do maniqueísmo mocinho/bandido; e d) o *perfil da ironia ‘intelectualizada’*, no qual se extrai sutilmente do entrevistado uma condenação de suas próprias ideias a partir da seleção de frases e do sarcasmo do entrevistador.

Nesse sentido, Medina (2005) assinala que recorrer a fontes oficiais e de poder, além de olímpianos ou vedetes da bolsa de valores, se torna uma prática comum na grande mídia. E quando se quer imprimir um tom mais popular à reportagem, o repórter é jogado na rua com o objetivo de colher depoimentos do povo – o conhecido *fala povo*. Assim, torna-se predominante no jornalismo um dirigismo autoritário devido ao fato da pauta e da seleção de vozes reproduzirem fontes que são figuras-padrão, pois é difícil mexer nas listas de telefones convencionais, à mão de qualquer profissional com certo tempo de experiência. O pluralismo das vozes presentes na realidade social não aparece e muitas vezes não tem espaço por ser discordante do *status quo* midiático.

A criação de um espaço de transformação mútuo – entre entrevistador e entrevistado, entre terapeuta e cliente – é outro aspecto em comum nas teorias de Medina e Rogers. Este propõe que, na dinâmica do processo terapêutico, a relação entre terapeuta e pessoa modifique a ambos, em uma busca em direção à congruência. Nesse sentido, Medina (2005) propõe a *interação social criadora*, na qual repórter e fonte se deixem transformar ao longo da entrevista para que, ao final, ambos *sintam* que saíram diferentes e com outras perspectivas. Nesta inter-relação simbólica em que se dá a entrevista não se pode omitir o real/imaginário de entrevistador e entrevistado.

PARA ALÉM DA OBJETIVIDADE JORNALÍSTICA

Exemplos de perspectivas que vão além da objetividade jornalística não faltam. Brasil de 1900, nomes como Euclides da Cunha e João do Rio despontam até hoje não só pelo estilo de escrita, mas também pelo envolvimento que tiveram com o contexto que reportaram. O engenheiro Euclides da Cunha, enviado pelo *Estado de São Paulo* como correspondente para acompanhar as operações do Exército no interior da Bahia, onde acontecia o histórico conflito de Canudos, entrou em contato com o sangrento massacre dos seguidores de Antonio Conselheiro (BOSI, 2006). Após cerca de três meses no local, resolveu escrever, em 1902, *Os Sertões*, considerado um marco literário e também de grande contribuição futura ao jornalismo, na medida em que este se consolidava enquanto área profissional.

Ao mesmo tempo em que descreveu com minúcia a terra, o homem e a luta que presenciou, Euclides fez também, conforme Bosi (1993), geografia humana e sociologia, utilizando-se de ciência e paixão, de análise e de protesto frente à denúncia da carnificina que Canudos representou:

É moderna em Euclides a ânsia de ir além dos esquemas e desvendar o mistério da terra e do homem brasileiro com as armas todas da ciência e da sensibilidade. Há uma paixão do real em *Os Sertões* que transborda dos quadros do seu pensamento classificador; e uma paixão da palavra que dá concretíssimos relevos aos momentos mais áridos da sua engenharia social (BOSI, 2006, p. 308).

O cuidado na documentação e a busca das raízes desencadeadoras do confronto tinham o objetivo não só de entendê-lo, mas também de penetrar no panorama de fundo de um país em formação e sua identidade (LIMA, 1993). Dessa forma, Euclides da Cunha é considerado por Lima (1993) como o antecessor do amadurecimento do



jornalismo de profundidade enquanto reportagem, independentemente do fato de *Os Sertões* não ser considerado um livro jornalístico ou literário.

Já João do Rio testemunhou o período de efervescência cultural no Rio de Janeiro, marcado, segundo Medina (1988), pela boemia literária, pelas primeiras casas de chope, pelo cabaré '*Chat Noir*' estilo Paris, por livrarias como ponto de encontro de escritores e pela Avenida Central como símbolo do 'Rio civiliza-se'. Em meio a esta atmosfera, o então escritor, cronista e jornalista se destacou por buscar nas ruas a inspiração para pautas jornalísticas, aprimorando também a metodologia do fazer jornalístico:

A observação da realidade, como característica essencial do repórter, foi realmente o ponto de partida de João do Rio ao produzir reportagens e ao renovar a crônica. Suas matérias são consequência de um levantamento intencional de situações presentes, captadas no mundo exterior [...]. O repórter vai a campo e busca informações. Vale-se, antes de mais nada, do método da observação (MEDINA, 1988, p. 60).

A autora aponta que a contribuição de João do Rio à reportagem pode ser sistematizada, quanto ao universo da informação jornalística, pela observação da realidade; a coleta de informações por meio da entrevista a fontes específicas, anônimas ou a outras imprecisamente identificadas; e o aprofundamento do contexto a partir da informação, da reconstrução histórica e da humanização dos entrevistados. Já descrição de ambientes e fatos tendo o repórter como narrador; o diálogo entre repórter e fonte; o ritmo narrativo da reportagem; e os recursos literários são as contribuições relacionadas ao tratamento estilístico.

Lima (1993) assinala que estas características constituiriam, futuramente, as bases de sustentação do jornalismo interpretativo, marcado pela contextualização, a busca de antecedentes e a humanização. Dessa forma, o autor relaciona que “se Euclides da Cunha foi desbravador de fronteiras da narrativa, tendo como cenário o sertão agreste inconquistado pelas lentes da mente intelectual, João do Rio foi o descobridor de horizontes possíveis da reportagem de campo no espaço urbano” (LIMA, 1993, p. 164).

Assim, nos idos dos anos 1960, em meio ao turbilhão sócio-cultural estadunidense dos movimentos *hippie* e negro, da recusa dos jovens a irem combater no Vietnã e das transformações comportamentais da contracultura, nasce o *new journalism*. Lima (1993) aponta que, indo contra a tendência literária do romance, que se

consolidava como modo de propagação do Grande Sonho Americano, o *new journalism* surge em pólos como Nova Iorque e Califórnia, verdadeiros laboratórios coletivos de experiências que iam contra o *establishment*:

O novo jornalismo traz à luz dos holofotes o mesmo timbre comum de sensualidade, de mergulho completo, corpo e mente, na realidade, como acontecia em todas as formas de expressão da contracultura. Fosse a experiência de Leary, a rotina policial que patrulha a Broadway ou o dia a dia dos faxineiros das pontes de Nova Iorque, o *new journalism* focalizava-se com calor, vivamente. À *objetividade* de captação linear, lógica, somava-se a *subjetividade* impregnada de impressões do repórter, imerso dos pés à cabeça no real (LIMA, 1993, p. 149).

Nesse sentido, o autor assinala que se inspirando no realismo social de Balzac, Fielding, Smollett, Gógol e Dickens, este jornalismo buscou sofisticar seu instrumental de expressão se aliando a ferramentas da literatura, tais como o registro fiel dos traços do cotidiano, o uso do ponto de vista, a construção do fato cena a cena e a utilização extensiva dos diálogos, ao mesmo tempo em que prezou pela máxima captação do real. Contudo, é quando o *new journalism* chega ao livro-reportagem que os literatos prestam a devida atenção ao fenômeno. As obras de Truman Capote – *A Sangue Frio* (1966) – e Norman Mailer – *Os Exércitos da Noite* (1968) – são consideradas, segundo Lima (1993), o marco inicial desta modalidade que, imediatamente, despertou reações contrárias:

[...] pelo fluxo de consciência e pelo diálogo levados ao extremo das possibilidades na reprodução do real, é que o *novo jornalismo* sofre o mais ferrenho combate, que procede não só da comunidade literária mas também da própria instituição jornalística. Em princípio, ninguém acredita que os diálogos sejam verdadeiros, acusam que tamanha precisão só poderia surgir da elaboração ficcional. Negam o monólogo interior o suas variantes. Os editores mais conservadores rejeitam o uso de pontos de vista inorthodoxos [...], acusam os *novos jornalistas* de “comporem” personagem e cenas [...] (LIMA, 1993, p. 156).

A obra de não-ficção *Operação Massacre* (1957), do argentino Rodolfo Walsh, é também reconhecida por alguns críticos como a precursora do *novo jornalismo* na medida em que, tanto quanto as obras de Capote e Mailer, recuperou recursos literários para contar a história dos ‘fuzilamentos de José Leon Suarez’, cidade argentina em que civis suspeitos de participar da Revolução Libertadora – contra-golpe fracassado à ditadura militar – são mortos de forma abrupta. Assim, descobrindo que uma vítima do



acontecido estava viva, Walsh vai em busca de pistas e encontra mais seis testemunhas, que serão parte fundamental da reconstituição jornalística e histórica do episódio.

Outra proposta, ainda mais radical que o novo jornalismo, foi o Jornalismo Gonzo. Vivenciado nos anos 1970 com o pioneirismo de Hunter Stockton Thompson, esta modalidade jornalística propunha a derrubada de qualquer barreira que separe autor e sujeito, ficção e não-ficção a partir da convicção de que o narrador deve abandonar qualquer pretensão de objetividade para participar profundamente da ação. Thompson usava com frequência álcool, tabaco e drogas, substâncias que o levavam para estados além da consciência, os quais se entrelaçavam às ácidas críticas do jornalista ao *american way of life*.

Entretanto, a questão da objetividade jornalística é um ponto polêmico para grande parte dos profissionais da área e teóricos da comunicação. Exemplo disso é a perspectiva de Lage (2004), que comparando seres humanos e máquinas na execução de atividades jornalísticas afirma que:

Já a desvantagem é que, ao contrário de qualquer máquina, agentes humanos, como os repórteres, têm sua própria tendenciosidade. Construíram, ao longo da vida, uma série de crenças e padrões de comportamento que nem sempre se adaptam à tarefa que executam e, principalmente, às intenções daqueles que estão representando, isto é, os leitores (LAGE, 2004, p. 24).

Partindo desse ponto de vista, a cosmovisão que o repórter adquiriu ao longo de sua vida deve ser suprimida ao máximo em prol de um discurso que não vá além do factual, que traga em si mesmo uma neutralidade a fim de que o repórter possa construir uma pretensa objetividade que não prejudique a versão final dos fatos. A subjetividade, dessa forma, é vista como algo negativo. Entretanto, assim como propõe o novo jornalismo, a conjugação de subjetividade e objetividade – expressa a partir da investigação da maior quantidade de dados sobre o fato – conforma uma reportagem menos distante e, por isso, mais humanizada.

Um exemplo dessa possibilidade que vem ganhando cada vez espaço é o jornalismo em quadrinhos. Segundo Oliveira e Passos (2006), desde o século XVII, as charges fazem parte dos jornais e hoje ocupam um papel diferenciado na medida em que também estão vinculadas ao jornalismo opinativo, partilhando do espaço destinado a editoriais e artigos. Os autores apontam que a origem do gênero, ainda que não consensual, remete-se à tira *Yellow Kid* (1895), de Richard Outcault, e ao suíço



Rodolphe Töpffer, autor de *Les Amours de Monsieur Vieux-bois* e *Docteur Festus*, publicados na década de 1820.

Dessa forma, o jornalista e quadrinista Joe Sacco é apontado como o responsável pelo surgimento da categoria *jornalismo em quadrinhos*⁶, cunhada devido ao êxito do livro-reportagem *Palestina: uma nação ocupada* (1993). A obra realizou a cobertura do conflito entre palestinos e israelenses na ocupação da Faixa de Gaza a partir da óptica palestina. Assim, Oliveira e Passos (2006) assinalam que se utilizando de artifícios como a imersão do repórter na realidade, a voz autoral, a precisão de dados e informações, o uso de símbolos, a digressão, e a humanização dos entrevistados e de si próprio, Sacco aborda questões como as torturas, as prisões, os campos de refugiados e as mulheres palestinas a fim de reconstituir o fato histórico a partir do seu ponto de vista:

Acho que é impossível ser completamente objetivo. Por um motivo: sou estrangeiro, estou chegando com os olhos de um ocidental na Palestina ou na Bósnia. E não quero fingir que não tenho uma opinião. Eu tenho meus preconceitos e quero que as pessoas saibam quais são. É o preço que elas pagam para ver as coisas pelos meus olhos. É também muito difícil ser objetivo quando se é parte da história. Não acredito em objetividade, mas em ser justo (SACCO apud OLIVEIRA & PASSOS, ano, p. 8).

O jornalista já publicou diversos outros livros-reportagem em quadrinhos sobre temas que envolvem a guerra, tais como *Área de Segurança: Gorazde* e *O Mediador: Uma História de Sarajevo*, os quais tratam do conflito ocorrido na Bósnia Oriental entre os anos de 1992 e 1995. Os traços subjetivos de Sacco são revelados na medida em que o jornalista se desenha e se insere enquanto personagem da narrativa, revelando, em *Área de Segurança: Gorazde*, por exemplo, tanto os momentos mais tristes e cruéis que uma guerra pode apresentar quanto a mais inesperada alegria – como as românticas cantorias de Riki, um apaixonado por músicas estadunidenses, e a alegria das moças ao ganharem alguma roupa ou sapato novos através das raras encomendas que conseguiam chegar no local – quebrando a tristeza inerente ao contexto de Gorazde.

⁶ Apesar de o termo ainda despertar polêmica e não ser nada consensual, o jornalismo em quadrinhos realiza, segundo Gomes (2008), uma interface entre a *art nouveau* – desenhos estilizados, composições minuciosas e senso crítico apurado – e o fazer jornalístico, ganhando cada vez mais adeptos tanto em público quanto em autores. Exemplos disso são a série criada pelo jornalista francês Philippe Cohen sobre o presidente Nicolas Sarkozy, que já é considerada um *best seller*, e obra *08: A Graphic Diary of the Campaign Trail*, na qual Dan Goldman trata da corrida presidencial entre Barack Obama e John McCain, nos Estados Unidos de 2008 (GOMES, 2009).



Segundo Barros (2007), o apartar da sensibilidade do jornalista é algo sem sentido tendo em vista que “o bom repórter não é exatamente aquele com melhor faro? E o que é o faro jornalístico senão uma aguda capacidade intuitiva?” (BARROS, 2007, p. 3). Dessa forma, a autora assinala que o jornalista deve investigar a realidade com todo o seu corpo e todos os seus sentidos, não restringindo esta experiência à visão e à audição como usualmente acontece. Este novo posicionamento diante do cotidiano permite que tanto a racionalidade argumentativa quanto a emoção e o afeto façam parte do processo de trabalho jornalístico, pois “ao contrário do que se possa imaginar, incorporar a emoção e a sensibilidade ao fazer jornalístico não significa sair por aí impondo verdades. Ser sensível é saber ouvir; compreender, mais do que explicar” (BARROS, 2007, p. 3).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade jornalística, em meio à supervalorização da razão, não poderia estar imune aos efeitos provocados pela visão fragmentalista da ciência. Mergulhada em uma concepção cartesiana de transmissão de informação, o jornalismo sofre com a incapacidade de produzir notícias que tragam a complexidade das questões que envolvem determinado fato. Em meio à rotina das redações jornalísticas, o tempo e a velocidade parecem engolir os profissionais envolvidos, tornando como prioridade a cobertura desconexa e supostamente objetiva de determinadas versões dos fatos.

Desse modo, geralmente a rotina é o que se mantém nas práticas jornalísticas, a qual é facilmente transmissível aos jovens profissionais atentos à experiência do cotidiano. Entretanto, a introjeção de práticas pré-moldadas como se fossem naturais não é o que trará à atividade jornalística a preciosidade que lhe cabe enquanto atividade que busca criar pontes para a comunicação, e não apenas para a informação. A sensibilidade, a intuição, a empatia e a subjetividade do jornalista são também ferramentas fundamentais para que este profissional possa reencantar o factual e mergulhar nas profundezas de nossa complexa humanidade.

Assim, o modelo da objetividade jornalística é discutível na medida em que se mostra cada vez mais insuficiente frente à complexidade do mundo e das relações humanas, frente à necessidade de passarmos a uma cosmovisão que não mais atrofie o homem enquanto ser eminentemente racional capaz de captar o mundo como ele ‘é’. Essa concepção prática de Comunicação, que integra uma perspectiva funcional/utilitarista que supervaloriza o fazer e o sucesso econômico, está inserida no



que Contrera (2009) chama de desencantamento da comunicação contemporânea, noção que se prolonga na atual produção jornalística e perpetua a separação entre sujeito e objeto postulada pela ciência moderna.

Contudo, práticas como as de João do Rio e Euclides da Cunha, as inovações trazidas pelo novo jornalismo e pelo jornalismo gonzo, além do próprio jornalismo em quadrinhos são possibilidades de recriar laços entre o subjetivo e o objetivo, o particular e o geral, o local e o global. Ir além do meramente factual se mostra cada vez mais necessário frente à demanda de criação de redes de sentido em meio à contemporânea explosão de informações que circulam de forma cada vez mais veloz e instantânea.

REFERÊNCIAS

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. **Jornalismo, Magia, Cotidiano**. Canoas: Ulbra, 2001.

_____. Jornalismo, narrador do entre-saberes da contemporaneidade. In: **Nós transdisciplinamos: diálogos nas Ciências da Comunicação** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Armazém Digital, 2007. p. 9-13.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CONTRERA, Malena Segura. **Do lado de fora do jardim encantado: comunicação e desencantamento do mundo**. In: E-compós. Brasília, v. 12, n. 3, set/dez. 2009.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos de Filosofia: Ser, saber e fazer**. São Paulo: Saraiva, 1996.

DESCARTES, René. **Discurso do método**; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas; introdução de Gilles-Gaston Granger; prefácio e notas de Gerard Lebrun; tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

FADIGNAN, J. & FRAGER, R. Carl Rogers e a Perspectiva Centrada no Cliente. In: **Teorias da Personalidade**. São Paulo: Harbra 1983. p. 222 - 259.

GOMES, Iuri Barbosa. Mediações experimentais entre comunicação e artes. In: **IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste**, 2008, Dourados. Anais do Comunicação IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 2008.

_____. Jornalismo em Quadrinhos: território de linguagens. In: **VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região**, 2009, Porto Velho. Anais VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região, 2009.



LAGE, Nilson. **A reportagem:** teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas:** o Livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1993.

MACHADO, Juremir; MORIN, Edgar. **As duas globalizações:** complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MEDINA, Cremilda de Araujo. **Entrevista:** o diálogo possível. 4.ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **Notícia: um produto à venda:** jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

OLIVEIRA, Ana Paula Silva; PASSOS, Mateus Yuri. Joe Sacco: Jornalismo Literário em quadrinhos. In: **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2006, Brasília. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006.

SOUZA JÚNIOR, Juscelino Neco. A linguagem dos quadrinhos e o jornalismo. In: **INTERCOM SUL**, 2009, Blumenau/SC. Anais X Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul, 2009.